

O Vôo do Gênio

Castro Alves

Um dia em que na terra a sós vagava
Pela estrada sombria da existência,
Sem rosas-nos vergéis da adolescência,
Sem luz d'estrela-pelo céu do amor;
Senti as asas de um arcanjo errante

Roçar-me brandamente pela fronte,
Como o cisne, que adeja sobre a fonte,
As vezes toca a solitária flor.
E disse então: "Quem és, pálido arcanjo!
Tu, que o poeta vens erguer do pego?
Eras acaso tu, que Milton cego
Ouvia em sua noite erma de sol?
Quem és tu? Quem és tu?"—"Eu sou o gênio",

Disse-me o anjo "vem seguir-me o passo,
Quero contigo me arrojar no espaço,
Onde tenho por c'roas o arrebol".
"Onde me levas, pois?..."—"Longe te levo

Ao país do ideal, terra das flores,
Onde a brisa do céu tem mais amores

E a fantasia-lagos mais azuis..."
E fui... e fui... ergui-me no infinito,
Lá onde o vôo d'água não se eleva...

Abaixo-via a terra-abismo em treva!
Acima-o firmamento— abismo em luz!
"Arcanjo! arcanjo! que ridente sonho!"
— "Não, poeta, é o vedado paraíso,
Onde os lírios mimosos do sorriso
Eu abro em todo o seio, que chorou,

Onde a loura comédia canta alegre,
Onde eu tenho o condão de um gênio infindo,
Que a sombra de Molière vem sorrindo
Beijar na fronte, que o Senhor beijou..."
"Onde me levas mais, anjo divino?"
— "Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas,

O canto das esferas namoradas,
Quando eu encho de amor o azul dos céus.

Quero levar-te das paixões nos mares.
Quero levar-te a dédalos profundos,
Onde refervem sóis... e céus... e mundos...
Mais sóis... mais mundos, e onde tudo é meu...

"Mulher! mulher! Aqui tudo é volúpia:
A brisa morna, a sombra do arvoredor,
A linfa clara, que murmura a medo,
A luz que abraça a flor e o céu ao mar.
Ó princesa, a razão já se me perde,
És a sereia da encantada Sila.

Anjo, que transformaste-te em Dalila,
Sansão de novo te quisera amar!
"Porém não paras neste vôo errante!
A que outros mundos elevar-me tentas?
Já não sinto o soprar de auras sedentas,
Nem bebo a taça de um fogoso amor.

Sinto que rolo em báratros profundos...
Já não tens asas, águia da Tessália,
Maldições sobre ti... tu és Onfália,
Ninguém te ergue das trevas e do horror.
"Porém silêncio! No maldito abismo,
Onde caí contigo criminosa,

Canta uma voz, sentida e maviosa,
Que arrependida sobe a Jeová!
Perdão! Perdão! Senhor, p'ra quem soluça,
Talvez seja algum anjo peregrino...
Mas não! inda eras tu, gênio divino,
Também sabes chorar, como Eloá?

"Não mais, ó serafim! suspende as asas!
Que, através das estrelas arrastado,
Meu ser arqueja louco, deslumbrado.
Sobre as constelações e os céus azuis.
Arcanjo! Arcanjo! basta... já contigo

Mergulhei das paixões nas vagas cérulas...
Mas nos meus dedos — já não cabem —
Mas na minh'alma — já não cabe — luz!.